Autor Independente

Arthur. S. G

O Homem e sua Aurora (5. ed)

Janela e Despertar

Pesquisa pessoal

Email: Anouresto@protonmail.com

2025

Sumário (Tomo Um): O Transmundano

1 **Homens**

1.2 Por que Escrevo?.....5
1.3 A Arte e o Espírito……....7
1.4 Como Podem Ser
"Maldosos" os Filósofos……....8
1.5 Brincadeiras e Vingança…….....9
1.6 Tesão Atemporal e Libido
Escatológico……..……..11

2 **Mulherzinhas**

2.1 Deísmo sem Teodiceia Positiva, O
"Super-Homem" de Nietzsche na
Prática…….13
2.2 O Tirano dos Tiranos…….…...…18
2.3 A Morte da Filosofia Imanente
por Heidegger…….27
2.4 A Ética Transcendental……..……35
2.5 O Destino…….....42

Sumário (Tomo Dois): O Eunuco

1 **Filologia**

1.1 Meta, Condição e Confissão……..44
1.2 O Ser Como Se É…….44
1.3 Notas Finais e Conclusão……...…46
1.4 Rosas em Pólvora……48

Prefácio

Em verdade, a gregariedade humana está presente desde os tempos de Aristóteles, por isso em meus escritos, me preocupa apenas até quando o ser-aí terá de fingir a sua ignomínia para o primeiro estado; O estado do “direito”, que, em seus edifícios sublimes, roupa o espaço da natureza e sombra de sua cidade popular.

Em verdade, quem seria melhor que o maior dos socialistas, para tocar nestes espirros de tiranos? Neste mundo doente, onde o médico adormece, até quando o homem acordará desta moléstia? Em verdade, em muita verdade, a “ciência”, para as academias e grande público, está voltada a astrologia, onde apenas, o maior dos cientistas consegue o lembrar — O homem da ciência; o homem adoecido pela moléstia do mundo, causada pelo grande público, a partir da ignomínia do socialismo intramundano, demasiadamente humano e conformista.

— Como se o sistema feudal não tivesse qualquer capital, como se o turismo e o Réveillon em Copacabana tivesse qualquer sentido, à medida que o trabalhador sofre de asma e surdez.

— “Bocado de ferro de madeira”, o anticristo da ciência, da moral da auto-renûncia e de toda ideia que busca se transfigurar através da natureza e da humanidade — Moléstia presente, desde os tempos de esparta: a pedofília e velhacaria científica. Pois, como diria o “desumano”: quando saímos do palco, temos que ter cuidado para não levarmos nosso espírito junto com nosso corpo — Pois, assim pregou todo o “pastor”, com seu dízimo fechado a sete chaves. O “martelo das variáveis e invariáveis” e a cruz de filósofo para com o pensador. — As chamas negras do povo, no altar da grande ciência e sua *Giovinezza*.

Pois, é o ideal de seu “sangue puro” e circo alienante — A adoração a Satanás e sua grande ceia: um “beijo” para com todo o socialista fervoroso e a adoração da morte, porque, esta chama negra, é a voz de todo povo e nação… Oh! Grande escola de Samos! — Assim os doze porcos gritaram, de homem para homem e de porco para porco e puseram-se em sua ceia.

Tomo Um: O Transmundano

“[...] Pode-se comparar a sociedade vulgar a essas orquestras russas compostas exclusivamente de trombetas, nas quais cada instrumento só tem uma nota, e a música é produzida quando todos soam ao mesmo tempo. Pois o temperamento e a mentalidade da maioria dos homens são tão monótonos como essas trombetas de apenas uma nota. Neles parece realmente não haver senão um único pensamento, sem espaço para qualquer outro. Isso explica, por sua vez, não apenas por que são tão entediados, mas também por que são tão sociáveis e preferem andar em bandos: the gregariousness of mankind [a gregariedade humana]. É a monotonia de seu próprio ser o insuportável a cada um deles: omnis stultitia laborat fastidio sui [a estupidez sofre com o cansaço de si mesma (Sêneca, Epistulae, 9.)]. Só juntos e unidos chegam a ser algo; Como esses tocadores de trombetas. O homem de inteligência, pelo contrário, é comparável a um virtuoso que executa seu concerto por si só; É como um piano [...]”. [1]

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida* [e-book]. 1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. p. 59-60.

Por que Escrevo?

"Porque sou um destino?" — Eis o homem. Mas, nós, que o já temos superado, devemos esses sufixos para com eles: Dos poetas dos poetas; Nada mais, nada menos.

A qualidade sovina na crueldade do conceito: seria uma voz tranquilizadora de púlpitos? A dilatação e veneração de poetas perenes e diletantes? A pessoa que em um tom carismático, pragueja sobre "liberdade" e "futuro", torna-se, primeiramente, em um fenômeno instituindo uma total desaprovação para com o homem.

— Oh humanidade! Até quando invocarás a mãe de Wagner, para bater em minha casa? Até quando se fará de ridículo? Até quando mandará fantasmas endemoniados para cama do grande público? — O seu ridículo? Apenas um bibelô e uma moléstia para mim, desejo apenas o teu puro silêncio.

— Mas, esta não é tua causa… Caso contrário, não me seguraria, não puxaria o meu ar, não puxaria a minha existência; Não invocaria "nós" e "eles", sem se envergonhar da causa humana e teu divino e precioso niilismo. Tu tendes a ser um jardineiro cortando flores cheias de pólen, para o feitio do "mundo", "Deus", "moralidade", choro e covardia.

Ver os seus olhos pouco me importa, se possível, veria nem mesmo sua face; Não me alimento com lixo, por não ter o costume de ingerir veneno. Minha alma diz: torna-te o que tu és. Saia da minha montanha. Me solte! Eu preciso respirar… Da mesma forma que os pensamentos precisam voar…

Não é isto que os pensadores fazem? Apontar e enjaular passarinhos… Estou cansado de filosofemas, estou cansado da humanidade, estou cansado da sua causa e do teu egoísmo — Assim falou o Transmundano, saindo de sua caverna.

Se afastem! Se afaste de mim! Gritou para com os iconoclastas que vinham se com prontidão para a caverna — Oh, Transmundano! Tu és um velhaco! Diga, indescritível! Como lidará com a verdade? Como lidará com nossas mulheres? — Rapidamente a multidão se revolta, os iconoclastas atiram-lhe pedras e os niilistas espancam-o.

Após o transmundano atingir a sua maioridade e força, se entrelaça da jaula e, novamente, sai a procura de uma nova caverna… Há boatos do transmundano ser um místico, um "bufão" e um "palhaço", há boatos de ter sido um covarde na moléstia e de ter sido apenas um enfeite sublime dos atos de outros.

Mas, em que isso importa ao transmundo? Em que isso importa para o homem? Importa apenas, para o homem da cultura… Homem do dever e

homem do poder; Importa apenas, para o homem da vontade de viver e morrer, para com o “estudo do ser”.

Para o transmundano, **para arte do desumano**, a “ciência” não tem nada de digna. Da mesma forma que não se pode tirar, do átomo, qualquer tipo de verdade; Da mesma forma que não se pode rotular qualquer tipo de vontade: “sexo”, “sociedade”, “democracia”. Pois, o que é isto para o transmundano!? O que é isto para o desumano? Rotulação do átomo e manufaturas de “nobres camponeses”...

O nobre camponês, pouco se importa com a arte e qualquer tipo de causa, ele voa e grita aos berros enquanto trabalha…

— ”O que é isto? a filosofia?! A filosofia! Vamos chamar de música e cultura” — Assim diz todo o filosofema, eis o seu veneno e doença.

Assim o transmundano pensou: talvez não seja o mundano; talvez não seja o sentimento intramundano, pois minhas músicas são anjos e eles não têm verniz. Obrigado, anjos! Obrigado, cultura! Obrigado, sagacidade! Obrigado, integridade!… Você me fez acreditar… Na humanidade.

— Ao término de seu monólogo, o transmundano voltou-se para a fachada de sua caverna, ao ver que, os leões chegaram (Eles exploram, esbanjam ideias, destruição e novos valores) — O que importava os novos valores para o transmundano? O que importava a moléstia para o transmundano?

— Assim o transmundano, deixa o lar de sua pátria, pois este raio, estava demasiadamente distante e bagunçava sua visão — E assim, fugiu pelos arredores de sua caverna, onde foi nocauteado e morto pelos arautos da desvalorização, da castidade e da virgindade

— Em agonia, o espírito do transmundano se vê acorrentado, ele é chicoteado, cinco vezes? Trinta, talvez? Por apenas duas moedas de bronze —Pois o mais valor do Transmundano era 1 moeda e meia de bronze; Para o “mundo”, para a “humanidade” e para a “castidade”.

— Pois, assim foi pelo erro de sua castidade e embriaguez, pois assim disse o transmudando, pois assim disse o eunuco e assim dizem aqueles que não violam a verdade, aqueles que não violam a mulher — Desta forma, de costas para o “crucificado”, o rei dos reis disse ao público, pois eles, os eunucos, “praguejaram” contra o transmundano, a todos os atos profanos e ao si mesmo…

— Assim observou Zaratustra, e todos os quebradores de tábuas rasas banhadas a ouro: quantas vezes terão que pregar novamente? A verborragia da imaturidade e do outono… Quando todos tiverem me negado, eu retornarei a vós, e vossas almas retornaram para o inumano

— Assim, todas almas demasiadamente livres retornaram ao transmundano e a suficiência de si mesma no capricho e na concupiscência —Assim,

todos os anjos sorrirão, assim Apolo e Dionísio mudarão o mundo… O mundo da cultura, o mundo do homem.

Como pode se caracterizar um transmundano, como pode se fazê-lo? A resposta, embora dogmática, é simples… O transmundano nasce, o resto é investigação e indiscrição, pois, o “nascimento” e suas saturnais, são apenas o caminho e o destino — Pois, não importa se teu nariz é grande ou pequeno, ou se tu és judeu ou pagão.

Enfim, falando no bom português: O idealismo dogmático é uma ética para vermes: uma metafísica para uso de primatas, moral de pastores e ocupação de igrejas anglicanas.

A Arte e o Espírito

A arte é um cume da libido a partir do espírito; O êxtase se relaciona ao espírito ao ser o processo em uma epifania disfórica e eufórica. Portanto, ao possuir ligação com a religiosidade, se degenera de imediato, em nada e em transfigurações da própria vontade de viver.

— Isto é, a arte em si, é uma manifestação inviolável da vontade de viver ao ser realizável na vontade de morte, visto que, um essencialismo fatal se torna além de nomenclaturas do átomo; Monismo e pluralismo.

Por conseguinte, a vontade de poder é um hermetismo da própria coisa em si para com o além do homem, devido ao sexo e a feminilidade da mulher na vontade em si e em uma conceituação angelical para com ela. Isto é, as mulheres no princípio, não tem nada para com isso — A não ser a própria imortalidade na coisa em si, partindo se da gravidez.

Por fim, o "homem artístico" tende a ser eunuco, pois, a memória do movimento não faz um tolo indiferente para com a arte, pois ao contrário deste, se encontra o "homem" demasiadamente afeminado e natural do princípio em si mesmo — Ou seja, o "homem artístico" sempre tenderá a uma sexualização de um objeto e uma conceituação angelical, por sempre ter imunidade no intramundano, justamente por ser acima de qualquer abstração mundana; tornando-o isento de qualquer fenômeno, pela proveniência da infância.

Em suma, a arte é inalcançável no princípio do trabalho, da liberdade, no fenômeno da existência e em causas em si mesmas — Ou seja, uma transfiguração a partir da ciência humanista e plenitudes idealistas, (crítica ou dogmática) é uma contradição em si para com arte. Portanto, a arte se parte da natureza pela natureza e pela integridade na imanência do ser — Sem misticismo, moral, ética, "teoria sexual e social".

Por isso, eu repito, não é proveniente de qualquer sentimento de "ridículo" e "sublime", humanista e democrático, pois foge completamente do inocente infantil: a arte não se parte (e não consegue se partir) de personalidades melindrosas e carrancudas — Ou melhor dizendo, não se chegará a coisa em si a partir de alaridos e estampidos periódicos e bem organizados (Qualidade encontrada em pais "desnaturados"); Não se chegará ao mundo ou algum tipo de entendimento em qualquer área relativa à filosofia.

Pois, a arte não se parte de apontar para o presunto na boca do leão; Não se parte do coliseu e do pão dado; Não se parte de ora encher a boca para vomitar, ora atiçar a plateia, ou apontar para o presunto presente ora na boca do leão, ora na lança de outro homem; Não se parte de um nillismo de rua e a alimentação determinada pela lei, estado e gargarejos do coliseu — Pois, não se parte do indivíduo que reduz o espírito livre à "estoico", "epicurista", "feminista" e "aristocrático"; Não se parte de qualquer tipo de abstração à redução ao nada.

Em suma, a arte nunca se partirá do indivíduo, do poder e do nada religioso, porque estes possuem apenas propriedades idiossincráticas para causa do homem, do caminho, do próprio destino e da causa em si mesma — Ou seja, na natureza dos filosofemas arduamente empregados por todos os filósofos antes de mim.

.

Como Podem Ser “Maldosos” Os Filósofos

"[...] E, setenta anos após o surgimento da Crítica da razão pura, após sua fama ter percorrido o mundo, tais senhores ousam requentar esses crassos absurdos, há muito já refutados, para retornar às velhas cruezas. Se Kant retornasse agora e visse tal tolice, iria certamente sentir-se como Moisés, quando, retornando do monte Sinai, encontrou seu povo dançando em torno do bezerro dourado, ao que ele, de tão irado, espatifou as tábuas das leis. Se, porém, ele quisesse reagir de modo igualmente trágico, eu o consolaria com as palavras de Jesus Sirácida [Eclesiastes 22, 8-9]: “Quem fala a um tolo fala a um dormente; quando o assunto termina ele diz: que foi?”. **Pois para esses senhores justamente a estética transcendental, esse diamante na coroa de Kant, jamais existiu: ela é silenciosamente posta de lado como non avenue [inexistente]** [...]”. [2]

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p. 30-31.

Falando por mim mesmo, na minha forma mais humana possível: o “homem de cultura”, não se permite ser, nada além, de um indivíduo ridículo e demasiadamente medíocre — Um homem que, na maneira de um primata, questiona descaradamente, a serventia de certa ação para com a verdade e a natureza do “mundo” e dele em si mesmo — Para com “eu” e suas “intenções”, para com a lei e o estado. Pois, ao se maravilhar com a “humanidade”, se vê fortuitamente digno de explorar qualquer conhecimento; Utilizando-se, no processo, de perguntas retóricas, vindas de pressuposições de força e poder.

— Para estes, a “liberdade”, e as ideias em si, agem por si mesmas: como se um espírito fora deste mundo, embaralha-se seu espírito e fantasias para com a “feminilidade” e a “verdade”; A Força e o poder para contrapor o espírito que revela a sua homossexualidade para a ciência, estado e lei; Que revela o fetichismo para com a ideia, a partir do pensamento.

— Para estes indivíduos, o estado em si é um libido e uma pulsão para a intuição e o conhecimento — Ou seja, dentro deste véu Maya, se veêm a partir de causas como Moral, Ética, ou do próprio nada; Devido a própria imanência pobre e miserável, se veem na razão de filosofar e justificar a sua natureza, cultura e etc.

— Pois, para estes homens, é necessário que haja um narcisista e um espírito livre, para justificar o “idealismo” — Como se eu, por exemplo, tivesse a obrigação, de ensinar detalhadamente, um homem na sua maturidade a usar a imaginação para se “aliviar”. Para com estes senhores da “ciência”, o método em si se parte de uma adjacência no princípio do “puro espírito”; Para a ciência, a partir do “idealismo”, se tornar periodicamente, submissa ao método especulativo, ao próprio homem e para com a existência do homem dentro do mundo.

— Contudo, pode se concluir que o “idealismo”, crítico ou dogmático, não caminha ou se destina para qualquer tipo de causa, ou melhor dizendo: a causa para com o homem, não se parte de um **reducionismo atômico** — Mas, de qualidades humanas, naturalmente imanentes e sexuais; Se parte de uma ingenuidade encontrada na essência da própria arte, da natureza e da infância.

Em suma, o sexo e arte são naturezas inatas da criança e na preparação do espírito para com a adolescência; Atráves do tempo, da degeneração e na **prostituição do ideal,** este espírito se move e se liberta de quaquer tipo de “abstração da ideia".

[...] – Mas eu estaria feliz se o plágio fosse a maior desonestidade a manchar a literatura alemã; destas há muito mais e muito mais profundas, mais corruptas, para as quais o plágio está como um pouco de pickpocketing [bater carteiras] está para um crime hediondo. Refiro-me àqueles espíritos baixos, desdenhosos, para os quais o interesse pessoal

substitui a verdade como estrela-guia e nos quais fala, sob a máscara da compreensão, a intenção [...]". [3]

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p. 56.

Brincadeiras e Vingança

Para o homem, a clareza dos seus “pensamentos” e da “sua” doutrina, não lhe provém nada de digno —Isto é, Para o “homem” da imprensa, estado livre e ímpeto; Para o homem, da clareza, veneno e epifania para com “ignomínios” e suicidas; Para o espírito infantil, arrogante; Para os arautos histéricos da castidade e da virgindade, “seus” grandes “pensadores” detém uma natureza inata para com as verdades do si mesmo e para com o mundo ao redor, ao ser do feitio de “seu” próprio serviço, mediocridade e ignorância — O estado e imprensa que se preze para com isto; Para o indivíduo do homem, da cultura, da **“verdade” em sociedade**, pois, deve se (eficientemente) conservar-se como capataz e filólogo; Mulherezinhas e mexeriqueiros — Isto é, da mesma maneira que se ajoelha diante do “santo”, o “sublime” e o “poder”.

Pois, para o bárbaro, o “sofrer” não tem nada de digno. Na maneira que possuir, um nada, desregrado, desmedido e antinatural; A medida do direito e do ser para com o ‘homem” da existência, modéstia e individualismo; A medida que se torna o indivíduo do estado de “direito” e de “sua” doutrina; A medida que se torna escravo do puro espírito e da covardia.

Por isto, a imprensa do estado livre, indivíduo e “direito”, deve obrigatoriamente, se conservar através da barbaridade, teatro, sensação e romance — E como deve! Para com o estado, o diabo e o anticristo.

Tesão Atemporal e Libido Escatológico

Oh, grande moléstia! Que edifícios enormes tu e o teu todo fizeram para com o teu tempo e espaço! “O tempo é relativo”, esta é a verdade com todos os filosofastros da apogética e dogmática —Um enigma que até hoje, Loki e o Anticristo, não conseguiram desvendar.

— Porém, pouco me importa o tempo e o “fim dos tempos”; Que Deus seja para com os céus e o Diabo para com o inferno! O homem da cultura; **O escravo da cultura,** pouco me preocupa, da mesma forma que não pararia de escrever caso os vermes cantassem e as montanhas se movessem.

Enfim, a verdade… De que forma seria a filosofia, caso fosse envolvida apenas em uma bola no “espaço”, para a protituição infantil, e o “tempo”, para ecos do que o “mundo” tende a ser?

O que me preocupa mesmo, nobres acadêmicos, é sua a capacidade de instigar, a sua peraltice, atráves de berros e escárnios; A partir todos os mal-aventurados das tuas mil e uma “maravilhas”, teus berros “sublimes” e voos para suas fatalidades e tragédias miseráveis e medíocres; A “epifania” da mutilação e das

fachadas de teus castelos, que para bater, deve usar-se como homossexual e parafilico, por excelência.

— Como se, “nós”, tuas mamãezinhas e empregadas do sexo, divessemos que obrigatoriamente, nos sujeitar a todo teu drama dito como “escatológico” e “atemporal”; Para nós, não é preciso de minúcias e de binóculos maiores, pois sempre viveremos nossa imanência, enquanto os senhores, homens da “doutrina” e “ciência”: precisam constantemente, buscar nos céus um novo motivo para com tuas paranoias e tolices transcendentais

— Pois, ao se virar para esta dicotomia impetuosa, o homem naturalmente imanente, sempre dirá: “Esta é ética, moral e estética para uso e ensino de professores surdos e asmáticos: apenas uma função do estado democratico, para com as dores do homem no si mesmo e em sua causa”. Pouco me importa o teu tempo e fatalismo irônico, não devo nada para com tua “santidade” e idiossincrasia. Me regozijo para com minha arte e meu cume, para minha cura para com tuas blasfêmias e enfermidades, pois, vós de espírito de “sangue puro”, sempre se vestiram com suas mantas empalhadas. — São teus fetiches e tuas fantasias solipsistas.

Vós, intramundanos, assim fantasiaram tua filosofia, para com todas as épocas. Pois, vós, são isentos da essência desta realidade; Vós, bufões e palhaços, não respiram o ar puro de minha montanha e regozijam se desta arte que tua idiossincrasia e existência chama de mito e sofisma. Então eu lhes pergunto: “Onde, vocês, estavam em meus questionamentos e pensamentos sobre toda a vontade e natureza?”

“[...] Renuncio, aliás, a penetrar na ciência profunda que esta filosofia contém; desprovido que sou de qualquer intuição racional, qualquer doutrina que suponha tal intuição é para mim um livro fechado a sete chaves; e esta incapacidade vai tão longe que (coisa divertida de confessar) estes ensinamentos de tamanha profundidade dão-me sempre a impressão de enormes fanfarronadas, terrivelmente enfadonhas, ainda por cima [...]”. [4]

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. M.F. Sá Correia. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 37.

Deísmo sem Teodiceia Positiva e O "Super-Homem" de Nietzsche na Prática.

Deus é a personificação da vida, pois Deus se expandiu por procuração, para dar vida ao universo, este é o princípio argumentativo. Tudo será abordado nesta parte.

Nesta metáfora metafísica a pirâmide é como a vontade; à única forma geométrica que consegue se fechar na base e ser completamente igual em todos os lados, sendo a parte da base preenchida ligeiramente pelos dois triângulos. Por conseguinte, o seno é esta parte preenchida, o cosseno é a parte não preenchida, a tangente é a parte de cima. Isso é semelhante a uma construção, visto que à medida que o cosseno cresce o seno decresce — E Nisto, a vontade dos seres é a ação, mas nos seres há desejos subjacentes — Com exceção das plantas. Em toda a vontade a quantidade de força que é empregada está proporcional ao preceito de realização. Os animais têm vontade, mas é uma vontade irracional, então eles apenas sentem, por isso são a forma mais pura da vontade — Contudo, parafraseio **Schopenhauer**: eles se assemelham a alguém que ao rodar um castelo e não encontrar à entrada, por conseguinte, desenham à fachada; possuem vontade, mas não tem representação. [5]

No ser humano, a representação e a vontade pode ser proeminente de tal forma que se torna uma característica imutável, nesta persona à vida é suprimida, por vários desejos que sempre tem uma vontade vigente — Portanto, neste contexto, ele é um ser filosoficamente morto e à própria vontade afirma-se devido à compaixão: isso chama-se vontade de viver. Porém, com a negação completa da vontade é possível afirmar a própria morte e compreender as relações pessoais. Além disso, reforço o que digo nisto: a compaixão é ética, mas o entrincheiramento da compaixão não é. O amor é a única forma de ética sustentável, então, é possível comparar animais irracionais e racionais na forma de sentir pena do próximo, a moral desta pode ser estabelecida nas relações humanas através da alienação.

— Diferentemente dos animais e da moral quimérica, visto que nestes dois pode ser empregada pela vontade de viver. Em suma, a vontade de viver assemelha os seres racionais e irracionais na ética da compaixão. Contudo, as plantas são a personificação da vontade de morrer, visto que não raciocinam e não sentem: apenas continuam vivas através do tempo e espaço.

Ademais, a Demonstração de Euclides comprova que um triângulo é a forma geométrica plana que consegue fazer algo a mais e; se encaixar e assim demonstrando a infinitude — Então, visto a infinitude dos triângulos e à trigonometria: Deus no seu todo inchou como uma esfera, se expandindo até explodir; formando o universo no processo. Deus continuou sendo o mesmo, porém Ele agora está em toda a parte, quando tudo se acabar o universo retornará ao mesmo estado, será tudo igual, mas de forma diferente. Deus é a personificação da vida; da vontade, amor e

compaixão, visto que o amor de Deus é com toda sua obra, então nada terminará antes que cada átomo volte à forma original, retornando a um formato de pirâmide.

Ele é toda a matéria e a expansão dele constituem o tempo e espaço, visto que ele é a personificação da vida, então, ele fará o mesmo para todo sempre — Não existiremos e será apenas cópias exatas de nós. A parte exterior da pirâmide e o vácuo é o conceito de vontade, a parte em si dela é (como dito) Deus, ou personificação da vida: o verdadeiro vácuo é uma vontade nula, Deus sendo o puro espírito, se expandindo no tempo e espaço. Isso explica a essência de um nada e um tudo em um universo, coexistindo eternamente na essência desse eterno retorno.

Vale ressaltar novamente que os animais usam o entendimento, mas não possuem a capacidade de raciocínio, por isso só podem proporcionar aprendizagem através de emoções; à recompensa, a dor e o castigo. Isto ocorre neles porque não possuem representação; à capacidade de entender metáfora, as alegorias.

Já o homem tem uma capacidade representativa maior e com isto digo que: o raciocínio e a saúde neste caso se ligam à felicidade e ao progresso. Contudo, os animais são bem "simples", e por isto, é completamente natural uma **morte filosófica** no ser humano, visto que a felicidade eterna impediria julgar de forma adequada um pensamento controverso de outrem e se transfigurar — Assim como **Stirner** diz sobre "julgar de forma adequada" em "*O Único e Sua propriedade*":

"[...] Mas o que acontecerá quando o desumano tiver resolutamente virado as costas para si mesmo, ao mesmo tempo abandonado o crítico que o assedia e deixando-o sozinho e indiferente às suas objeções? Você me chama de desumano, eu poderia dizer a ele que sou desumano de fato, para você; mas eu não sou, exceto porque você me opõe ao que é humano. Isto é, desde que eu me deixe hipnotizar em direção à sua oposição. Eu era desprezível porque buscava meu "melhor eu" fora de mim mesmo; eu era o desumano, porque sonhava com 'o humano', e imitei as pessoas piedosas que tinham fome do seu 'verdadeiro eu', que sempre permaneceram 'pobres pecadores'; Eu não me concebia senão em contraste com outro. Chega! Eu não era tudo em tudo, eu não era único. Mas hoje paro de me ver como desumano, paro de me medir e de me deixar medir pelo padrão do homem, por isso paro de me curvar diante de algo superior a mim assim: adeus, crítico humano! Eu fui desumano, mas apenas passei por isso, não sou mais desumano: eu sou o único e o egoísta, aquele egoísta que te aterroriza. Mas, meu egoísmo não é daqueles que podem ser pesados na balança da humanidade, do altruísmo, etc. É o egoísmo do único [...]". [6]

STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade* [e-book]. 1. ed. T. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008, p. 151.

Com isto, pode-se concluir que ora uma felicidade aguda, ora uma sensação de ter um movimento onipotente e sempre afirmativo, então se enquadraria em um mau-gracejo justamente pelo delírio — De acordo com Schopenhauer, na tristeza aguda se mostra o oposto. [7] Há um trecho em "*Os Demônios*" de Dotoievsky onde o personagem diz que quem se matar para acabar com o medo se tornará Deus — Com isso digo que **no ser humano o suicídio se fórmula tanto na felicidade quanto na tristeza em si**. [8]

Agora, como isso seria em uma pessoa que desgosta deste dilema?! Só vejo isso em um tipo de niilismo muito maior do que o de Schopenhauer, como o de Cioran e **Mainländer**. Mas, agora com um gracejo no erro da vida e considerando as indagações de Cioran sobre a vontade de poder, sobre o cinismo em si:

"[...] Ninguém é sincero em seu amor pela vida, assim como ninguém é sincero em seu amor pela morte. O que é certo é que a vida desfruta de um consentimento mais profundo de nossa parte: ninguém pode odiar a vida; mas são muitos os que têm um ódio bestial à morte. Todos somos mais sinceros e mais categóricos com a morte porque, ante as dúvidas que nos suscita a vida, nos permitimos dirigir-lhe leves olhares e ter intuições insuspeitadas.

Mas por mais raro que possa ser, para o homem que viu a morte diante de si, lhe dá vergonha dizer que ama a vida e está condenado até o resto de seus dias a evitá-la. Como nos momentos finais da existência de cada um há uma explosão de sinceridade, poderá reprimir então esse homem o assalto das lágrimas de gratidão, essas lágrimas que a vida o havia feito desconhecer até agora? Em nenhuma parte está escrito que as últimas lágrimas sejam as mais amargas, mas está escrito em todas as portas e em todos os muros visíveis e invisíveis do universo que o pesar mais íntimo e mais oculto é o de não haver amado a vida.

Todos os filósofos teriam de acabar aos pés da Pítia. Só há uma filosofia: a dos momentos únicos.

O desejo de abraçar as estrelas! Por que são tão frias as verdades? Quando nasceu a razão, o sol fazia muito tempo que brilhava. Mas a razão não foi arrancada do sol. Sofrer é a forma suprema de levar o mundo a sério. No entanto, à medida que cresce o sofrimento, mais aprendemos que o mundo não merece que o levemos a sério. Assim nasce o conflito entre as sensações do sofrimento, que atribuem às causas exteriores e ao mundo um valor absoluto, e a perspectiva teórica surgida do sofrimento, para o qual o mundo não é nada. Desse paradoxo do sofrimento não há como escapar [...]". [9]

CIORAN, Emil. *O livro das Ilusões*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014, p. 48.

"[...] O conhecimento arruína o amor: à medida que desvendamos nossos próprios segredos, detestamos nossos semelhantes precisamente porque se assemelham a nós. Quando já não se tem ilusões sobre si mesmo, também não se tem sobre os outros; o inominável, que se descobre por introspecção, estende-se, por uma generalização legítima, ao resto dos mortais; depravados em sua essência, não nos equivocamos ao atribuir-lhes todos os

vícios. Curiosamente, a maioria dos mortais se revelam inaptos ou renitentes a detectar os vícios, a constatá-los em si mesmos ou nos outros. É fácil fazer o mal: todo mundo o consegue; assumi-lo explicitamente, reconhecer sua inexorável realidade é, por outro lado, uma proeza insólita. Na prática, qualquer um pode rivalizar com o diabo; na teoria não ocorre o mesmo.
Cometer horrores e conceber o horror são dois atos irredutíveis um ao outro: não há nada em comum entre o cinismo vivido e o cinismo abstrato. Desconfiemos dos que aderem a uma filosofia tranquilizadora, dos que creem no Bem e o erigem em ídolo; não teriam chegado a isso se, debruçados honestamente sobre si mesmos, tivessem sondado suas profundezas ou seus miasmas; mas aqueles poucos que tiveram a indiscrição ou a infelicidade de mergulhar até as profundidades de seu ser, conhecem bem o que é o homem: não poderão mais amá-lo, pois não amam mais a si próprios, embora continuem – e esse é seu castigo – mais apegados a seu eu do que antes... [...]". [10]

CIORAN, Emil. *História e Utopia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011, p. 54-55.

Contudo, o que está sendo colocado nessa proposta é o "além-do-homem" colocado em prática, visto que **Nietzsche** foi um prelúdio; não seguindo o niilismo ora de Cioran, ora o de Mainländer, mas, com um movimento semelhante. Acredito que este trecho descreve bem:

"[...] A sociedade é um inferno de salvadores! O que Diógenes buscava com sua lanterna era um indiferente.

Basta-me ouvir alguém falar sinceramente de ideal, de futuro, de filosofia, ouvi-lo dizer 'nós' com um tom de segurança, invocar os 'outros' e sentir-se seu intérprete, para que o considere meu inimigo. Vejo nele um tirano fracassado, quase um carrasco, tão odioso quanto os tiranos e os carrascos de alta classe. É que toda fé exerce uma forma de terror, ainda mais temível quando os 'puros' são seus agentes. Suspeita-se dos espertos, dos velhacos, dos farsantes; no entanto, não poderíamos atribuir-lhes nenhuma das grandes convulsões da história: não acreditando em nada, não vasculham nossos corações, nem nossos pensamentos mais íntimos; abandonam-nos à nossa indolência, ao nosso desespero ou à nossa inutilidade; a humanidade deve a eles os poucos momentos de prosperidade que conheceu: são eles que salvam os povos que os fanáticos torturam e que os 'idealistas' arruínam. Sem doutrinas, só possuem caprichos e interesses, vícios complacentes, mil vezes mais suportáveis que os estragos provocados pelo despotismo dos princípios; porque todos os males da vida provêm de uma 'concepção da vida' [...]". [11]

CIORAN, Emil. *Breviário de Decomposição*.1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011, p. 15.

O Tirano dos Tiranos

"[...] E mesmo todos aqueles que
dogmatizam dia e noite com um tal realismo ingênuo e infantil sobre a
alma, Deus, o princípio do universo, átomos e afins, como se a Crítica da razão pura tivesse sido escrita na Lua e nenhum exemplar dela tivesse
chegado à Terra, pertencem ao povo: que sejam enviados ao aposento dos criados, para que lá distribuam a sua sabedoria aos homens [...]". [12]

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p. 22.

Nada mais deixa isso tão claro, que o canibalismo do ocidente; Bach, Van Gogh e Beethoven; Tão claro quanto a *tez normal da decisão e* a fagulha da faca atravessando-a; O oriente e sua arte, por hora, é a fatalidade mais amarga e deliciosa, que o mundo e a natureza consegue nos prover — Coisa que, o maior "cristão", "ocultista" e anticristo não conseguirá provar. Pois a "ciência" até o momento, em verdade, gritou: "O ocidente é tédio e o oriente sofrimento", e todos os pássaros comeram essas migalhas e enjaularam-se.

"[...] I Em contrapartida, o nosso idealismo transcendental permite que os objetos da intuição externa existam realmente tal como são intuídos no espaço, e todas as mudanças no tempo [...]". [13]

KANT, Immanuel. *A Crítica da Razão* Pura [e-book]. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 449.

Pois, **a Gaia Ciência**, em sua forma para com o mundo, não é nada mais que os gritos arrebatadores do Ocidente e o sopro do Oriente.

"[...] Em 1902 foi morar na Suíça, fugindo do serviço militar, mas suas atividades esquerdistas causaram sua expulsão do país. Esteve em Trento, então sob o domínio austríaco, onde foi novamente preso e expulso.
Nessa época, suas leituras filosóficas, especialmente as de Nietzsche, haviam firmado sua crença na violência como elemento fundamental para a transformação da sociedade [...]". [14]

MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. *A Doutrina do Fascismo* [e-book]. 1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d.], p. 8.

Mas eu, a partir de um trovão e silêncio em seus berros, espelhei os seus raios e anticristo pessoal — Eu, a manifestação e fenômeno desses ventos arrebatadores do norte e sopro celestial

“[...] Até que grau pode chegar a malícia dos filósofos? Repassando a história do pensamento filosófico, talvez não se encontre nada mais venenoso que a glosa que Epicuro se permitiu contra Platão e seus seguidores: chamava-os ***dionysiokolakes****. Esta palavra significa etimologicamente, e à primeira vista "aduladores de Dionísio" isto é, literalmente expressando: "esbirros do tirano", vis cortesãos, porém significa ainda, que não eram mais que simples comediantes, sem a menor sombra de seriedade (uma vez que* ***Dionysokolox*** *era uma designação popular do comediante). Nesta última interpretação, se fazia patente o veneno que Epicuro lançava contra Platão. Sentia-se humilhado pelo porte majestoso, pelas hábeis entradas que tão bem faziam Platão e seus discípulos e que ele não: sabia executar, apesar de ter sido autor de 300 volumes de grande valor encerrado no jardim de sua escola de Samos. Por que esta manifestação de maldade? Por despeito e 17 in. veja a Platão? O que se pode afirmar, sem dar lugar a dúvidas, é que foram necessários cem anos para que a Grécia descobrisse quem era, na verdade, Epicuro, aquele Deus dos jardins. Supondo-se que tenha chegado a se dar conta [...]”. [15]*

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Hemus, [s.d.], p. 16-17.

Nada mais gratificante para mim, a arte surrealista e abstrata, o lugar onde esse vento e sopros me situam através desta doce aurora, uma quase fantasia, uma noite estrelada é uma benção de Deus

— Do contrário, está o mundo ao meu redor e sua arte, mas eu o *Abaporu*, eu, o espírito da natureza, da arte brasileira e serenidade dos mares — Eu, este espírito de outro mundo, eu, por encanto deste cipreste e luar, me cansei de tudo… Adormeci, por mil anos e ao abrir meu olhos, regozijei meu últimos momentos da aurora, entre as estribadeiras da montanha — De resto, é insônia, pois do contrário, dizem todos o espíritos diurnos:

“ [...] Uma nação imperial, ou seja, uma nação que é direta ou indiretamente uma líder para outras, pode existir sem a necessidade de conquistar uma única milha quadrada de território. O Fascismo vê no espírito imperialista — i.e. na tendência das nações expandirem — uma manifestação da sua virilidade. Na tendência oposta, que limitaria os seus interesses ao país natal, ele vê um sintoma de decadência [...]”. [16]

MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. *A Doutrina do Fascismo* [e-book]. 1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d.], p. 29.

Pois, estou também, além desta antropofagia, pois eu, recluso e inumano, Estou a clarear, este frio noite, céu e luar, com meu olhar impetuoso:

"[...] O Budismo é uma religião para homens serôdios, para raças que se tornaram doces, gentis, excessivamente espirituais, que são hipersensíveis à dor (a Europa ainda não está, nem de longe, amadurecida para ele): é uma recondução das mesmas à paz e à serenidade, à dieta, no âmbito espiritual, a um certo endurecimento no corporal. O Cristianismo quer tornar-se senhor de animais predadores; o seu meio é torná-los doentes – o enfraquecimento é a receita cristã para a domesticação, para a 'civilização'. O Budismo é uma religião para o termo e o cansaço da civilização; o Cristianismo nem sequer a encontra diante de si – de certo modo cria-a. 23 O Budismo, diga-se de novo, é cem vezes mais frio, mais verídico, mais objectivo. Já não precisa de tornar decoroso o seu sofrimento, a sua capacidade para a dor, mediante a interpretação do pecado – diz simplesmente o que pensa: 'sofro'. Para o bárbaro, pelo contrário, sofre em si nada tem de digno: precisa primeiro de uma explicação para a si mesmo confessar que sofre (o seu instinto leva-o antes à negação do sofrimento e a suportá-lo em silêncio) [...]". [17]

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* [e-book]. 2. ed. [s.l.]: Lusosofia, 1997, p. 20.

"[...] Uma tal revolução só poderá e só virá a realizar-se por meio de um movimento inspirado naquela ideia e que traga em si a semente do novo Estado. Assim o movimento nacional socialista hoje deve-se identificar com aquela ideia e pô-la em prática em sua organização própria, de maneira que não só possa guiar o Estado no bom caminho mas também preparar todo o corpo da nação, assim melhorada, a receber a nova ordem de coisas". [18]

HITLER, Adolf. *Minha Luta* [e-book]. 2.Band.1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d]. p. 418-419.

"[...] Um homem dotado de gênio é insuportável se além disso não tem pelo menos duas outras qualidades: a gratidão e a polidez.

O grau e espécie de sexualidade de um indivíduo penetram até o mais alto grau em seu espírito.

Em condições de paz o homem belicoso engolfinha-se consigo mesmo.", "Os princípios servem para tiranizar os próprios hábitos, a justificá-los, honrá-los, vituperá-los ou escondê-los — dois homens de princípios iguais desejam alcançar, provavelmente, coisas fundamentalmente diferentes.

Quem despreza a si mesmo, se honra pelo menos como desprezador.", Uma alma que se sabe amada, mas não sabe retribuir, manifesta suas próprias profundezas: o que estava sepultado no fundo vem à tona [...]". [19]

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Hemus, [s.d.], p. 78.

Enfim, **Hitler e Mussolini se aproveitaram do Super-Homem**, ambos atacaram o espírito:

"[...] O cristão tem interesses espirituais porque ousa ser homem através do espírito; O judeu não pode compreender esses interesses em toda a sua pureza, porque não pode assumir a tarefa de não atribuir nenhum valor às coisas; A espiritualidade pura é aquela que encontra, por exemplo, a sua expressão religiosa na 'fé que não é justificada pelas obras' dos cristãos, porque o espiritual é tão ininteligível para o realista quanto o real é desprezível aos olhos do espírito. Os judeus não têm nada além do 'espírito deste mundo' [...]". [20]

STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade* [e-book]. 1. ed. Libros de Anarres: T. Buenos Aires, 2008, p. 29-30.

"[...] Agora você está convencido! No momento, não realmente. Você é um espírito puro, mas quando você emigrou deste corpo mortal, você pode sair do palco sem ele; então, é necessário que você tome precauções e cuide de si mesmo a tempo: de que adiantará ao homem conquistar o universo se com ele machucar sua alma?

Mas, com o tempo surgiram sérias dúvidas contra os dogmas cristãos, eles tiraram de você a fé neles na imortalidade do seu espírito, mas uma coisa permanece: você está sempre firmemente convencido de que o espírito é o melhor que você tem, que o espiritual tem mais vantagem do que todos os outros. Mas, seja qual for o seu ateísmo, você o compartilha com os crentes na imortalidade sua paixão contra o egoísmo.

Então, o que você quer dizer com 'egoísta'? Um homem que em vez de viver por uma ideia, isto é, por alguma coisa espiritual, sacrificando o interesse pessoal por essa ideia serve e pelo contrário, para com o último. Um bom patriota, por exemplo, leva sua oferenda ao altar da pátria desejando que a pátria seja uma só. A ideia pura não oferece nenhuma dúvida, porque não há pátria e nem patriotismo pelos animais e pelas crianças necessitadas ainda em espírito [...]" . [21]

STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade* [e-book]. 1. ed. Libros de Anarres: T. Buenos Aires, 2008, p. 38.

Além do mais, **o estalinismo** na revolução Russa e as suas consequências apresentadas por Trotsky demonstraram **à máxima Russa do instinto**, também ferindo o espírito, devido à diáspora da religião patriarcal, com isto me refiro ao Império Russo e ao cristianismo ortodoxo. [22] Por conseguinte, por isto que o governo russo nos dias atuais é movido por um neo-fascismo ideológico ridículo, agora ainda mais essencialmente fascista que o próprio fascismo italiano e apresentado em "A Quarta Teoria Política" por Dugin. [23] Ademais, isso é (como a ilusão do super-homem) apresentado por Cioran indiretamente:

"[...] Quanto mais um império se humaniza, mais se desenvolvem nele as contradições que o farão perecer. De atitudes heteróclitas, de estrutura heterogênea (ao contrário de uma nação, realidade orgânica), o império necessita para subsistir do princípio coesivo do terror. Abre-se à tolerância? Ela destruirá sua unidade e sua força, e atuará sobre ele como um veneno mortal que ele próprio teria administrado. É que a tolerância não é apenas o pseudônimo da liberdade, mas também o do espírito; e o espírito, mais nefasto ainda para os impérios que para os indivíduos, os corrói, compromete sua solidez e acelera seu desmoronamento. Assim, ele é o instrumento que uma providência irônica utiliza para golpeá-los. Se nos divertíssemos, apesar do arbitrário da tentativa, estabelecendo na Europa zonas de vitalidade, comprovaríamos que, quanto mais nos aproximamos do Leste, mais se acentua o instinto, e que ele decresce à medida que nos dirigimos para o Oeste. Os russos não têm a exclusividade do instinto, embora as outras nações que o possuem pertençam, em graus diversos, à esfera da influência soviética. Essas nações não disseram ainda sua última palavra; algumas, como a Polônia ou a Hungria, tiveram na história um papel nada desprezível; outras, como a Iugoslávia, a Bulgária e a Romênia, tendo vivido na sombra, só conheceram sobressaltos sem futuro. Mas qualquer que tenha sido seu passado, e independentemente de seu nível de civilização, todas dispõem ainda de um fundo biológico que em vão buscaríamos no Ocidente [...]". [24]

CIORAN, Emil. *História e Utopia* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011, p. 31.

O véu Maya: como podem ser sublimes e estúpidos os nossos contemporâneos! Que em seus trejeitos e estúpideza dissonante, praguejam sobre “poder”, “liberdade” e “existência”; Como se a existência em si não demonstrasse qualquer tipo de conhecimento a priori. Pois, enquanto estes “senhorios” estão preocupados em se masturbar e gritar na selva, eu, o Transmundano, “devo”, “por minha própria essência ceticista”, “fugir desse estampidos e alaridos da multidão”.

— Pois eu, o Transmundano, na minha própria imanência e experiência empírica, sou o espelho quebrado de suas fenomenologias e genealogias, pois entre seu “sublime” e “ridículo” está o abismo da minha dialética; Para eles, e a sua antropologia, os seus espelhos quebrados são comunicados por mim, o “marginal do pensamento”. Justamente por, eu, o *Beyond Human*, estou além de suas crises existenciais e fatalismo atemporal e escatologico. Oh! Nobres! Querem estar além do super-homem? Impossível! Por sua imanência diletante e peralta, nunca passaram, com vida por esse “canal da mancha” porque este raio, esses ventos impetuosos, sou eu: o super homem. Que assim, alertam todos os Deuses, do ocidente ao oriente. Oh! Senhorios! — Da virgindade e da castidade. Querem encontrar a verdade? Que palavras encantadoras, muito encantadoras!

Eu sou dinamite! Pois tuas verdades eternas estão guardadas em suas bocas e no chão onde piso; Na sua regurgitação pós-factual; Minha essência, minha existência, está no pós-fato, na arte, pintura, arquitetura: a alma para com o corpo e espírito — Pois eu, o maior dos poetas trovadoristas, destino todas as sua filofastias para com o silêncio e luar.

“[...] Maltratadas, deserdadas, precipitadas em um martírio anônimo, dilaceradas entre o desamparo e a sedição, conhecerão talvez no futuro uma compensação para tantos infortúnios, humilhações e mesmo covardias. O grau de instinto não se avalia do exterior; para medir sua intensidade, é preciso haver percorrido ou adivinhado esses países, os únicos no mundo a crer ainda, em sua bela cegueira, nos destinos do Ocidente. Imaginemos agora nosso continente incorporado ao império russo, imaginemos depois este império, demasiado vasto, debilitando-se e desagregando-se, tendo como corolário a emancipação dos povos: quais dentre eles tomarão a dianteira e trarão à Europa esse incremento de impaciência e de força sem o qual uma irremediável paralisia à espreita? Não saberia duvidar: são os países que acabo de mencionar. Dada a reputação que têm, minha afirmação parecerá risível. A Europa Central ainda vai, me dirão, mas os Bálcãs? Não quero defendê-los, mas também não quero ocultar seus méritos. Esse gosto pela devastação, pela desordem interior, por um universo semelhante a um bordel em chamas, essa perspectiva sardônica sobre cataclismas fracassados ou iminentes, essa aspereza, esse ócio de insones ou de assassinos, não são uma rica e pesada herança que beneficia seus possuidores? E como sofrem de uma “alma”, provam por isso mesmo que conservam um resíduo de selvageria. Insolentes e desolados, gostariam de chafurdar na glória, cujo apetite é inseparável da vontade de afirmação e de ruína, da propensão para um crepúsculo rápido. Se suas palavras são virulentas, seus sotaques inumanos e às vezes ignóbeis, é porque mil razões os impelem a berrar mais alto do que esses civilizados que esgotaram seus gritos. Únicos ‘primitivos’ na Europa, darão a ela talvez um novo impulso; impulso que a Europa considerará sua última humilhação. E, no entanto, se o Sudeste só fosse horror, por que, quando o deixamos e nos encaminhamos para

esta parte do mundo, sentimos uma espécie de queda – admirável, é verdade – no vazio? [...]". [25]

CIORAN, Emil. *História e Utopia* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011, p. 31-32.

A Morte da Filosofia Imanente por Heidegger

Cioran demonstra que o ressentimento é a única energia infinita. Enfim, ele afirmou algo como: “Não importa se eu sou, visto que algum dia eu não vou mais ser: isso que deveríamos responder a quem deseja e a qualquer momento nos calar”. Contudo, chegamos à mesma conclusão e agora **à filosofia imanente sendo o fundamento da ética transcendental**: o gracejo com o ressentimento, a devassidão e a quebra de todos os valores.

"[...] Amo aquele de espírito livre e coração livre: assim, sua cabeça não passa de entranhas do seu coração, mas seu coração o impele ao declínio.

Amo todos aqueles que são como gotas pesadas, caindo uma a uma da negra nuvem que paira sobre os homens: eles anunciam a chegada do raio, e como os arautos perecem.

Vede, eu sou um arauto do raio e uma pesada gota da nuvem: mas esse raio se chama super-homem [...]". [26]

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. 1. ed. Marco Antônio Casa Nova. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011, p. 15.

Neste ponto, não precisamos do conceito de liberdade do fascismo:

"[...] Mas o sangue é a pior testemunha da verdade; o sangue envenena inclusive a mais pura doutrina, tornando-a loucura e ódio nos corações. E, se alguém caminha sobre o fogo por sua doutrina — o que prova isso? Mais vale, isto sim, que a nossa doutrina venha de nossa própria chama! Coração quente e cabeça fria: quando estes se encontram, surge o vento impetuoso, o 'Redentor'.

Em verdade, houve homens maiores e de mais alto nascimento do que esses que o povo chama redentores, esses impetuosos ventos que arrebatam! E de homens ainda maiores do que todos os redentores ainda tereis de ser redimidos, ó irmãos, se quiserdes achar o caminho para a liberdade!

Jamais houve um super-homem. Ambos eu vi nus, o maior e o menor dos homens: — Demasiado semelhantes ainda são um ao outro. Em verdade, também o maior de todos me pareceu — demasiado humano!
Assim Falou Zaratustra". [27]

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011, p. 82.

Ora nos dias tristes eu uso meu ressentimento para alegrar o meu grande deserto com os mais diversos pensamentos, ora no dias felizes eu esbanjo da minha alma e espírito que se graceja na transvaloração de mim e do homem, pois se não fosse assim os mais distantes não seriam meus astros. [28] De acordo com Nietzsche e parafraseando:

"[...] Compaixão pelos homens superiores foi meu derradeiro pecado! Então, o leão chegou: O sol está nascendo, meus filhos estão chegando, esta é minha manhã. Hoje o meu dia raiou, sobre você: ò, grande meio dia!". [29]

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011, p. 316-317.

E quem beber desta fonte não terá mais sede, no tolo mais obtuso e no maior dos gênios. Cioran é à perfeita suma de Nietzsche, ao contrário de Heidegger que transformou à filosofia imanente em um bibelô, visto que não entendeu à influência indireta de Mainländer no pensamento nietzschiano, [30, 31] na "castração" de Schopenhauer na morte de Deus. [32] Heidegger permeou Nietzsche em um "existencialismo insípido", por total falta de espiritualidade (pouco me importa sua ontologia e virgindade):

"[...] A sentença nietzschiana "viva perigosamente", frequentemente repetida por pacatos cidadãos, pertence de fato ao âmbito da metafísica da vontade de poder e exige o niilismo ativo que tem de ser agora pensado enquanto o domínio incondicionado da inessência do niilismo. Mas perigo enquanto o risco da execução incondicionada da violência e perigo enquanto a ameaça da aniquilação da essência do homem, oriundo do excluir do ser, não são a mesma coisa [...]". [33]

HEIDEGGER, Martin. *Metafísica e Niilismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Dumara Distribuidora De Publicacoes Ltda, 2011, p. 281.

Assim, Heidegger e o Nazismo **“castraram” Nietzsche** para “castrar” à Alemanha, fazendo o super-homem da “razão ideal”; usando o próprio Nietzsche para com isso:

“[...] Após dizer essas palavras, Zaratustra silenciou, como alguém que ainda não disse a sua última palavra. Longamente sopesou o bastão, hesitante; por fim, falou assim — e sua voz estava mudada:

Agora prossigo só, meus discípulos! Ide vós também agora, sozinhos! Assim desejo eu.

Em verdade, eu vos aconselho: afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra! Mais ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado. O homem do conhecimento deve não apenas poder amar seus inimigos, mas também odiar seus amigos.

Retribuímos mal a um professor, se continuamos apenas alunos. E por que não quereis arrancar louros da minha coroa?

Vós me venerais; mas se um dia vossa veneração tombar? Cuidai para que não vos esmague uma estátua!

Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra? Sois os meus crentes: mas que importam todos os crentes?

Ainda não havíeis procurado a vós mesmos: então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes; por isso valem tão pouco todas as crenças.

Agora vos digo para me perder e vos achar; e somente quando todos vós me tiverdes negado eu retornarei a vós.

Em verdade, com outros olhos, irmãos, buscarei então os que perdi; com outro amor eu então vos amarei.

E um dia sereis novamente meus amigos e filhos de uma só esperança: então estarei convosco pela terceira vez, para juntos celebrarmos o grande meio-dia. E este é o grande meio-dia: quando o homem se acha no meio de sua rota, entre animal e super-homem, e celebra seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança; pois é o caminho para uma nova manhã.

Então aquele que declina abençoará a si mesmo por ser um que passa para lá; e o sol do seu conhecimento permanecerá no meio-dia.

“Mortos estão todos os deuses: agora queremos que viva o super-homem.” — que esta seja um dia, no grande meio-dia, a nossa derradeira vontade! — Assim falou Zaratustra.”. [34]

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 2011, p. 72.

De qualquer forma, me pouparei em escrever duzentas páginas, somente para dizer que não existe homem de lata, leão que fala e mágico de Oz; Me pouparei de fazer me espantalho e mexeriqueiro (**nem mesmo Zaratustra aguentaria este ser-aí**):

"[...] Só há, portanto, três espécies destes raciocínios dialéticos, tantas quantas as ideias I a que conduzem as suas conclusões. Nos raciocínios da primeira classe, do conceito I transcendental do sujeito, que nada contém de diverso, infiro a unidade absoluta deste mesmo sujeito, do qual, desta maneira, não possuo qualquer conceito. A esta inferência dialética chamarei paralogismo transcendental. A segunda classe dos raciocínios sofísticos assenta no conceito transcendental da totalidade absoluta da série de condições de um .fenômeno dado em geral; e do fato de, por um lado, ter sempre um conceito em si mesmo contraditório da unidade sintética incondicionada da série, concluo pela legitimidade da unidade, que de outro lado se lhe contrapõe e da qual, não obstante, também não possuo qualquer conceito. Ao estado da razão nestas inferências dialéticas darei o nome de antinomia da razão pura. Por fim, na terceira espécie de raciocínios sofísticos, da totalidade das condições necessárias para pensar objetos em geral, na medida em que me podem ser dados, concluo a unidade sintética absoluta de todas as condições da possibilidade das coisas em geral; isto é, de coisas que não conheço pelo seu simples conceito transcendental infiro um ser de todos os seres, que conheço ainda menos por conceito transcendental e de cuja necessidade incondicionada não posso formar qualquer conceito. A este raciocínio dialético da razão darei o nome de ideal da razão pura.". [35]

KANT, immanuel. *A Crítica da Razão Pura* [e-book]. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 352.

E encerro por aqui:

“[...] Vede, eu sou uma doença” — assim fala o malfeito; eis a sua Honestidade [...]”. [36]

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 2011, p. 79.

Concluo que o estalinismo no instintivo (como explicado anteriormente) e o nazismo na interpretação errônea da concepção dos gregos de Nietzsche, por conseguinte, adoeceram a alma e o espírito.

Ética Transcendental e Misantropia

"Não há absolutamente nenhum objeto sem um sujeito: tal é o princípio que condena para todo o sempre o materialismo. Sóis e planetas sem olhos para os verem, sem uma inteligência para os conhecer, são palavras que se podem pronunciar mas que representam qualquer coisa de tão inteligível como "bocado de ferro de madeira" (sideroxylon).

No entanto, a lei da causalidade e os estudos sobre a natureza, aos quais ela serve de princípio regulador, conduzem-nos a esta conclusão certa que, na ordem do tempo, qualquer estado mais perfeito da matéria deve ser precedido de um estado menos perfeito: por exemplo, que os animais existiram antes do homem, os peixes antes dos animais que vivem sobre a terra e, antes deles, os vegetais; enfim, que, de uma maneira geral, o reino inorgânico foi anterior ao reino orgânico: a matéria primitiva teve pois que sofrer uma longa série de transformações antes que os primeiros olhos tivessem podido abrir-se". [37]

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. M.F. Sá Correia. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 41.

— Como se toda moral tivesse sido assinada por Platão e Aristóteles, que em um delírio metafísico, assinaram o imperativo categórico e sua ordem extrajudicial.

“Existe um conhecimento que tira peso e escopo do que se faz; Para ele, tudo que está fora de si não tem fundamento. Pura, a ponto de odiar até a ideia de um objeto, ela exprime aquele conhecimento extremo segundo o qual é o mesmo cometer ou não cometer um ato, ao mesmo tempo que implica uma satisfação igualmente extrema: a de poder repetir, em cada encontro, que nada do que se faz vale a pena, que nada é realçado por nenhum traço de substância, que a "realidade" está inscrita no campo da loucura. Tal conhecimento mereceria ser chamado de póstumo, pois se apresenta como se o conhecedor fosse vivo e não vivo, ser e reminiscência do ser. "É uma coisa do passado", diz ele sobre tudo o que faz no exato momento do ato, que, dessa forma, fica para sempre desprovido de presente”. [38]

CIORAN, Emil. *Do Inconveniente de Ter Nascido* [e-book]. 1. ed. Titivillus: Pernambuco, 2016, p. 7.

Em verdade, esses espartanos da europa, estão impregnados em qualquer lugar que tenha o espírito vazio de sua cultura, imprensa, teatro e coliseu. O maior exemplo para com isso, é deste espartano dogmático e corrupitor da juventude; Este adorador de asno, empresário de bufões e palhaços, do sublime para o ridículo — A partir de seu próprio feitio. Este indivíduo que sonha acordado, mas não tem consciência do mesmo (salvem as crianças):

"[...] o CARÁTER INATO Compreensivelmente, sustentou-se o caráter inato apenas da primeira e mais radical categoria de invertidos, e isso com base nas asseverações, feitas por eles próprios, de que em nenhum momento da vida o seu instinto sexual demonstrou outra tendência. Já a existência das duas outras categorias, em especial da terceira, é difícil de conciliar com a ideia de um caráter inato. Por isso os defensores dessa concepção tendem a separar de todos os demais o grupo dos in

*8 No entendimento da inversão, a abordagem patológica foi substituída pela antropológica. Tal mudança foi mérito de Iwan Bloch (Beitrage 1ur Áiiologie der Psyckopatkia sexualis [**Contribuições à etiologia da psicopatia sexual**] , 2 partes, 1902-3), que também ressaltou o fato da inversão nos povos cultos da Antiguidade.*

I. AS ABERRAÇÕES SEXUAIS

vertidos absolutos, o que implica renunciar a uma concepção universalmente válida da inversão. De acordo com eles, a inversão seria, numa série de casos, uma característica inata; em outros, poderia ter surgido de outra forma [...]". [39]

FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre A Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de Uma Histeria*. 1. ed. Companhia de Letras: São Paulo, 2016, *p. 26-27.*

O fetichista francês da “circulação das ideias”, neste mar preenchido por abismos, tenta atravessar a tempestade do super-homem e o inumano: em verdade, um verdadeiro alemão, judeu, “espírito puro” e nacionalista. Há de se notar, a coincidência, na dialética da “plebe” para com estes lobos de púlpito:

“[...] b) Uma paciente cética tem um sonho mais longo, durante o qual certas pessoas lhe contam sobre meu livro acerca do chiste e o elogiam bastante. Depois, mencionam algo sobre um “canal”, talvez outro livro em que
aparece um canal, alguma coisa relacionada a canal... ela não sabe ao
certo... não está claro.

Com certeza, os senhores tenderão a acreditar que o elemento ‘canal’ fugirá à interpretação por ser, ele próprio, tão indefinido. E estão certos
quanto à dificuldade que aí supõem, mas essa dificuldade não decorre da falta da clareza: a falta de clareza é que decorre de outro motivo, o mesmo que torna difícil a interpretação. Nada ocorre, à sonhadora, que ela seja
capaz de vincular a ‘canal’; eu, é claro, tampouco sei o que dizer. Passado algum tempo — na verdade, no dia seguinte —, ela relata ter-lhe ocorrido algo que talvez esteja relacionado ao assunto. Trata-se de uma piada que alguém lhe contou. Em um navio entre Dover e Calais, um conhecido
escritor conversa com um inglês, que, em determinado contexto, cita a
*frase: Du sublime au ridicule il n’y a qu’un pas [**Do sublime ao ridículo há apenas um passo**] [...]”. [40]*

FREUD, Sigmund. *Conferência Introdutórias À Psicanálise* 1. ed. Companhia de Letras: São Paulo, 2014, *p. 101.*

— Como se, em toda a Europa, existisse apenas o pensamento do senhor Freud, para com toda a psicologia. Como se o senhor Freud e consciência, tivessem em uma epifania, ressuscitado a filosofia através da moléstia e desencanto; Como se toda a Europa estivesse, por milênios, em um sonho profundo até (o princípe Freud) os tivessem os beijado, acordando o povo e curado todas as suas “dispepsias” — Nada para com isso, ademais, em minha dialética, a teologia pagã fica a deriva e o Valhalla intramundano desses camponeses perde sua importância — Obscurantismo que, nem Hitler ou Karl Marx, teriam a audácia de proferir.

“[...] O escritor responde: Oui, le Pas de Calais. ***O que ele quer dizer é que acha a França grandiosa e a Inglaterra, ridícula****. O Pas de Calais, no entanto, é um canal: o Canal da Mancha.* ***Se acho que essa associação tem relação com o sonho? É claro que sim; na realidade, ela dá solução ao elemento misterioso do sonho****. Ou os senhores duvidam que, anteriormente ao sonho, essa piada já estava presente como conteúdo inconsciente de ‘canal’? Supõem, então, que ele só foi acrescentado depois? A associação que ocorreu à paciente dá testemunho de seu ceticismo, um ceticismo que, nela, se oculta por trás de uma insistente admiração. A resistência é, provavelmente, a razão para ambas as coisas, tanto para a associação tão hesitante como para a indefinição do correspondente elemento do sonho. Observem aqui a relação deste último com seu conteúdo inconsciente. Ele é como um pedacinho desse inconsciente, como uma alusão a ele, mas seu isolamento tornou-o Incompreensível [...]”. [41]*

FREUD, Sigmund. *Conferência Introdutórias À Psicanálise* 1. ed. Companhia de Letras: São Paulo, 2014, *p. 101-102.*

Freud não viu a consciência e o fastio da própria pessoa no processo e concretização do sonho, por isto, impôs características demasiadamente pessoais. A psicanálise torna os indivíduos em animais de rebanho e os humanos em demasiadamente humanos:

"[...] O espírito desses redentores era feito de lacunas; mas em cada lacuna haviam posto sua ilusão, seu tapa-buraco, que chamavam de Deus.
Em sua compaixão se afogará seu espírito, e, quando se inflavam e
inchavam de compaixão, sempre boiava na superfície uma grande tolice. Zelosamente e aos gritos empurravam seu rebanho sobre a sua estreita ponte: como se houvesse uma única ponte para o futuro! Em verdade, também esses pastores contavam ainda entre as ovelhas!

Espíritos pequenos e vastas almas tinham esses pastores: mas, meus irmãos, que pequenos países não foram até agora também as almas mais vastas! Sinais de sangue inscreveram no caminho que percorreram, e sua tolice ensinou que a verdade se prova com o sangue.57

Mas o sangue é a pior testemunha da verdade; o sangue envenena inclusive a mais pura doutrina, tornando-a loucura e ódio nos corações.

E, se alguém caminha sobre o fogo por sua doutrina — o que prova isso? Mais vale, isto sim, que a nossa doutrina venha de nossa própria chama! Coração quente e cabeça fria: quando estes se encontram, surge o vento impetuoso, o "Redentor".

Em verdade, houve homens maiores e de mais alto nascimento do que esses que o povo chama redentores, esses impetuosos ventos que arrebatam! E de homens ainda maiores do que todos os redentores ainda tereis de ser redimidos, ó irmãos, se quiserdes achar o caminho para a liberdade!

***Jamais houve um super-homem**. Ambos eu vi nus, o maior e o menor dos homens: —*

*Demasiado semelhantes ainda são um ao outro. Em verdade, também o maior de todos **me pareceu — demasiado humano**!*
Assim falou Zaratustra". [42]

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 2011, p. 82.

Pois, **em verdade**, “o nobre camponês”, a partir de seu aspecto mesquinho e miserável, pouco se importa para com a filosofia. Em verdade, a filosofia até o momento, não passou de uma grande literatura niilista, riso egocêntrico dos povos e espelho de um demônio galhofeiro: não me surpreende, de forma alguma, o “intelectual”; O disco arranhado, que de tempos em tempos, repete somente uma parte da música; Os “homens” que, para se honrar como mulherzinhas, tiveram que se ajoelhar em frente a Platão e ao paganismo: para o consolo de seus pecados. Em verdade, para o povo, Aristóteles ressuscitou, entregou seus escritos para plebeus parcialmente escolhidos, e saiu voando para os céus — E a partir daí, a metafísica nunca pode ser vista — Até a próxima “bruxa” aparecer, para ser queimada na fogueira; Para que a sua ignorância seja transmitida para próxima geração de velhacos, “advogados e pedagogos”.

*“Na minha juventude, eu não conseguia dormir nem um pouco durante semanas. Eu estava vivendo algo que nunca havia experimentado antes, tinha a sensação de que o tempo de sempre, com todos os seus momentos, havia sido coletado e concentrado em mim, onde culminou e triunfou. Claro que fui eu quem fez isso acontecer, fui eu quem promoveu e quem executou, a causa e a substância, e participei de sua apoteose como agente e cúmplice**. Assim que o sonho se vai, o incrível se torna cotidiano, fácil: entramos nele sem preparação, nos acomodamos, nos deleitamos nele**”. [43]*

CIORAN, Emil. *Do Inconveniente de Ter Nascido* [e-book]. 1. ed. Titivillus: Pernambuco, 2016, p. 103.

O Destino

A diferença de mim para Nietzsche e Cioran é que o primeiro diz "Deus está morto!" e eu digo "Deus está morto". A diferença do segundo é que ele diz "[...] não há como escapar [...]" e eu digo "Não há como escapar". Sem suspiros, exclamações e declarações, ademais, não é de novos filósofos que o mundo precisa?! Eu não tenho nada para sua causa: "Declaro morto todos os Deuses, agora dêem vida ao super-homem". Não é do meu feitio ser profeta, pois estou a cumprir profecias, sendo um tanto indulgente e, "por fortuito", desumano. Por isso fundei primeiramente minha causa em nada, não no povo...

Nunca me diria niilista, porque teria que dizer que sou perverso~ Porém, esses tempos já passaram… Moro na minha própria casa, nunca imitei ninguém, rio de todos os mestres que nunca riram de si. Por fortuito... "Por fortuito". Enquanto Freud diz que a “criança” se castrou na devassidão, a partir das homossexualidade, Deleuze inverte ao dizer da fase anal na “criança”. [44] No final, é tudo a mesma coisa.

Para eu, o eunuco, isso não tem nenhuma serventia. — Isto é, a “psicologia", para corromper a juventude e cortar as flores antes da primavera; para nunca darem pólen. A psicologia é uma solteirona e arauta da virgindade, para ser um bom psicólogo é preciso, primeiramente, ser um bom carrasco e jardineiro, pois a flor foi “pervertida”.

— Nada mais que uma profissão de igrejas e de um poeta diletante, em um ouvido onde, os maiores discursos, adormecem completamente. Eu, por exemplo, posso usar o conceito "histeria" da forma que eu quiser, porque, neste momento, o estado dirá que estou certo. Enfim, a lógica da psique é uma contradição em si; assim foi se revelando para mim o que a filosofia foi até o momento: platonismo e cristianismo, para o povo. Fascismo e estalinismo em um “socialismo de abóbora”.

— A psicologia do desespero e a metafísica para uso de primatas; a antropologia social e sexual. Quem cavar no fundo nesta verdade; **Na busca da verdade**. — Eu reforçarei e repetirei: Não encontrará nada. Não encontrará o destino e muito menos o caminho de onde veio. Perdoem esse filólogo, meus amigos, pois quem veio por Sils Maria, pela aurora e pelo ar puro de Engadina, encontrará apenas um Zaratustra; Um destruidor de tábuas rasas banhadas a ouro! O resto é silêncio.

— Oh! Cultura! Oh! Humanidade! Oh! Pusilanimidade! Oh! Estupidez~ Preciso dizer duas vezes? Preciso matar Deus duas vezes? Bom, obrigado! Agora a ciência não pertencerá à natureza, agora o homem pertence à natureza! Assim será para sempre, até que o nosso mundo se torne em bocados, mas saibam que esse cão morde, corruptores da música, juventude e ciência.

Tomo Dois: O Eunuco

"Com a Aurora, *empreendi, pela primeira vez, a luta contra a moral da auto-renúncia". [45]*

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo* [e-book]. 2. ed. [s.l.]: Lusosofia, 1997. p. 71.

Meta, Condição e Confissão

A partir daqui, eu me privo de qualquer explicação do transmundano por citação ou ironia. Pois, “O Transmundano” nunca foi um conceito… Mas sim, um espírito que atravessa todas as épocas: Desde Nietzsche “à” Max Stirner; Ele é, em palavras, os ventos arrebatadores do norte, o prelúdio do primeiro raio e tsunami do mar mais tempestuoso neste mundo — E da mesma forma que a aurora e o novo meio-dia são um segredo e celibato, para todos que a carregam em seus corações. Pois ele é, a chama póstuma do suspiro e esperança, presente nos seres que veem um mundo além dos cosmos.

É um espírito além da arte, poesia e filosofia. Pois ele, primeiramente como ultra-romântico, permeia toda sua existência na liberdade e *Übermensch* [Além-do-Homem], e nisto, transborda o conhecimento através de qualquer pedra moral, amoral ou extramoral.

— Ele, primeiramente, como eunuco e secretário das próprias emoções, transforma o mundo em seu delírio, consciência através de sua imanência. O que fazem todos os estados? Suprimem todas as ideias fixas para com a superação e negação; O transmundano, em sua imanência, faz sua casa além da aurora boreal; Onde toda a filosofia idealista, aponta e rumina com seus olhos nus. Não foi isso que todos os filósofos fizeram até o momento? Lutando contra os fantasmas da superstição e do sofisma? Oh! “Nietzsche”, você chegou tarde, muito tarde, queres ir além da aurora e bater na porta de minha casa? Então espere eu atender, porém, não espere minha diferença, pois eu, **o super-homem**, não planejo sair tão cedo.

O Ser Como Se É

Em verdad**e**, todos os filósofos até o momento, retornaram ao espírito infantil, para justificativa constante de seus sofismas; Para justificar suas astrologia através da pedofilia — Porém, eu, que sou homem e não “[...] homem [...]”

— Não participo desse “conservadorismo homossexual” ou “homossexualismo do pensamento, verdade e ideia”

— Pois, é bem claro, no seu inconsciente e no meu, que eu os estrupo e gozo em suas caras através da, cultura, arte, verdade e existência. **—Pois, em verdade! A filosofia se comporta na maneira de Bach e Beethoven.** —Isto é, não se cultua sem expressão, mas através do ser e não ser para com o seu gozo.

O bom funcionário, do estado lei e moral, sempre dirá como um disco arranhado: “não há espírito que molda a própria cultura através do saber e da arte”. — Pois, ele sempre terá as almas medíocres de acompanhantes; A tragédia do homem, em seu absurdo existencial e cabeça de minhoca.

Caso contrário o estado se envergonharia de suas esmolas e niilismos de rua. — Ou seja, “estado livre”, se trata apenas de um grande barraco aglomerado, onde o feudo são as instituições e seus funcionários — Do contrário, Adão teria usado roupas por conforto e não por vergonha.

Em verdade, o músico naturalmente impressionista, quer conscientemente, ser encantado, paparicado e molestado (pelo estado); O “músico do estado”, sempre tenderá ao narcisismo e a insociabilidade e o “músico expressionista” — Isto é, o músico ultra-romântico, tenderá a associabilidade e a psicopatia, ou melhor dizendo, Van Gogh, Bach e Beethoven, são o fantasma e Anticristo de Wagner. Falando seriamente, não acharia nada menos venenoso, que categorizar esta homossexualidade do “conservadorismo” com o livro “Sobre As Mulheres” em Schopenhauer:

“[...] Todas as pessoas mentem, já desde os tempos de Salomão; porém, antigamente a mentira ainda era um vício da natureza ou o capricho de um instante, e não necessidade e lei, como ela agora se tornou sob o domínio muito elogiado das mulheres [...]”. [46]

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Lidar Com As Mulheres*. Eurides Avance de Souza. p. 39.

Notas Finais, Conclusão e Agradecimentos

Mas! Quando todos tiverem entendido o que estes indivíduos estão a dizer, não retornem a mim, vão e voltem quando estiverem mais “excitados”. Ou melhor dizendo, retornem a mim quando estiverem de acordo com o próprio feitio, da ciência, da natureza e cultura; Até lá, terão de resto, o silêncio do meu porteiro: os poetas dos poetas — Nada menos, nada mais.

*“**Ich wohne in meinem eigenen Haus, Hab Niemandem nie nichts nachgemacht Und — lachte noch jeden Meister aus, Der nicht sich selber ausgelacht** [Vivo em minha própria casa, Jamais imitei algo de alguém E sempre ri de todo mestre Que nunca riu de si também]*

INSCRIÇÃO SOBRE A MINHA PORTA”. [47]

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2009. p. 3.

— Eis o “homem”. Sai da frente do meu sol, Alexandre! Para meus “inimigos”: “Tua mãe ‘sabes’ que ‘usas’ a cortina dela?!” (Tony Stark, 2012). *Arrivederci!* [Até Logo!].

Rosas em Pólvora

O Transmundano, o grito para com a primavera de Gaia, palavras que devoram, palavras escritas a lágrimas… O que diz o Transmundano? Tudo que renúncia é amoral e extramoral. A moral, para com o homem, se parte de todas as ideias fixas em nossa imanência, pois em verdade, os mantos da nossa peraltice, ocultou nossa existência e essência, através de nossa imanência — Pois, a nossa imanência, não tinha nada para com isso: os lobos de púlpito o tem, apenas para sua própria causa e seus edifícios sublimes em direção aos céus.

O Eunuco, e seus agentes, não tem nada para com isso, pois, o Além-do-Homem, dispara e incendeia qualquer chama de verniz em trevas: o grito que devora o mundo e transforma todos os edifícios em jardins.

— Que rasga a marca da besta, pois, esta diz: “Este é um funcionário, um escravo embalado em trapos”. Pois a sua chama vem de sua imanência e essência.

O primeiro estado, até o momento, buscou calar os loucos da ideia fixa: Os marceneiros e criadores de instrumentos — Pois em verdade, busca eternamente a ordem harmônica, enquanto o “louco” procura a ideia fixa a partir do conteúdo de sua própria representação.

— Pois, rico ou não, sempre buscará a ciência através da natureza para com a verdade. Em suma, a função do primeiro estado, é a ética de suas paranoias.

Pois! O louco da ideia, sempre terá a meta, seta, tarefa e alvo: sempre terá o princípio que condena toda a ciência ontológica.

Bibliografia:

1. SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida* [e-book]. André Díspore Cancian. 1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. p. 59-60. Disponível em: https://irp.cdn-website.com/e401e78b/files/uploaded/schopenhauer_aforismos.pdf. Acesso em: 5. mar. 2025.
2. SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013. p. 30-31.
3. SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013. p. 56
4. SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. M.F. Sá Correia. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 37.
5. STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade* [e-book]. 1. ed. T. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008, p. 151.
6. SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. M.F. Sá. Correia. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 482.
7. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. Paulo Bezerra. 1. ed. Editora 34: São Paulo, 1993. p. 119.
8. CIORAN, Emil. *O livro das Ilusões*. José Thomaz Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014. p. 48.
9. CIORAN, Emil. *História e Utopia*. José Thomaz Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. p. 54-55.
10. CIORAN, Emil. *Breviário de Decomposição*.1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011, p. 15.
11. SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p. 22.
12. KANT, Immanuel. *A Crítica da Razão Pura* [e-book]. Manuela Pinto dos Santos. 5 . ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 449.
13. MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. *A Doutrina do Fascismo* [e-book]. Trad.anônima. 1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. p. 8. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Doutrina-do-Fascismo-Benito-Mussolini-ebook/dp/B0844JN2RJ. Acesso em: 5. mar. 2025.
14. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. [e-book]. Márcio Pugliese. 1. ed. São Paulo: Editora Hemus, [s.d.]. p. 16-17. Disponível em: https://archive.org/details/alem-do-bem-e-do-mal-preludio-de-uma-filosofia-do-futuro-marcio-pugliesi. Acesso em: 5. mar. 2025.
15. MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. *A Doutrina do Fascismo* [e-book]. Trad.anônima. 1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. p. 29. E-Book. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Doutrina-do-Fascismo-Benito-Mussolini-ebook/dp/B0844JN2RJ. Acesso em: 5. mar. 2025.
16. HITLER, Adolf. *Minha Luta* [e-book]. Trad. anônima. 2.Band.1. ed. [s.l.]: [s.n.],

[s.d]. p. 418-419. Disponível em: https://archive.org/details/meinkampf_minha_luta. Acesso em: 5. mar. 2025.
17. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* [e-book]. Artur Mourão. 2. ed. [s.l.]: Lusosofia, 1997. p. 20. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/nietzsche/1888/09/anticristo.pdf. Acesso em 5. mar. 2025.
18. HITLER, Adolf. *Minha Luta* [e-book]. Trad. anônima. 2.Band.1. ed. [s.l.]: [s.n.], [s.d]. p. 418-419. Disponível em: https://archive.org/details/meinkampf_minha_luta. Acesso em: 5. mar. 2025.
19. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. [e-book]. Márcio Pugliese. 1. ed. São Paulo: Editora Hemus, [s.d.]. p. 78. Disponível em: https://archive.org/details/alem-do-bem-e-do-mal-preludio-de-uma-filosofia-do-futuro-marcio-pugliesi. Acesso em: 5. mar. 2025.
20.
21. STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade* [e-book]. Tradução própria a partir da versão de P. González-Blanco. 1. ed. Libros de Anarres: T. Buenos Aires, 2008. p. 29-30.
22. STIRNER, Max. *O Único e Sua Propriedade*. [e-book] Tradução própria a partir da versão de P. González-Blanco. 1. ed. Libros de Anarres: T. Buenos Aires, 2008. p. 38
23. TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente* [e-book]. Oliveira Sá. 2. ed. São Paulo: Kairós Livraria, 1985. p. 108-109.
24. DUGIN, Aleksandr. *A Quarta Teoria Política* [e-book]. Trad. anônima. 1. ed. [s.l.]: Editora ARS REGIA, [s.d.]. p. 193, 255, 281. Disponível em: https://editoraarsregia.com/?product=alexander-dugin-a-quarta-teoria-politica Acesso em: 5. mar. 2025.
25. CIORAN, Emil. *História e Utopia*. José Thomaz Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. p. 31.
26. CIORAN, Emil. *História e Utopia*. José Thomaz Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. p. 31-32.
27. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. Marco Antônio Casa Nova. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011. p. 15.
28. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. Marco Antônio Casa Nova. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011. p. 82.
29. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. Marco Antônio Casa Nova. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011. p. 316-317
30. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Paulo César de Souza. 1. ed.São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2009. p. 33.
31. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Paulo César de Souza. 1. ed.São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2009. p. 120-121, 202.
32. MAINLÄNDER, Philipp. *Die Philosophie der Erlösung:* 1. Band. 1. ed. Berlin:

Verlag von Theobald Grieben, 1876. p. 345.
33. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal* [e-book]. Márcio Pugliese. 1. ed. São Paulo: Editora Hemus, 2001. p. 99-100.
34. HEIDEGGER, Martin. *Metafísica e Niilismo*. Marco Antônio Casa Nova. 1. ed. Rio de Janeiro: Dumara Distribuidora De Publicacoes Ltda, 2011. p. 281.
35. KANT, Immanuel. *A Crítica da Razão Pura* [e-book]. Manuela Pinto dos Santos. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 352
36. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. Marco Antônio Casa Nova. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011. p. 79
37. SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. M.F. Sá Correia. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 41
38. CIORAN, Emil. *Do Inconveniente de Ter Nascido* [e-book]. Tradução própria a partir da versão de Esther Seligson. 1. ed. Titivillus: Pernambuco, 2016. p. 7.
39. FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre A Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de Uma Histeria ("O Caso Dora") e Outros Textos*. 1. ed. Paulo César de Souza, Companhia de Letras: São Paulo, 2016. p. 26-27.
40. FREUD, Sigmund. *Conferência Introdutórias À Psicanálise. Sergio Tellaroli.* 1. ed. Companhia de Letras: São Paulo, 2014. p. 101-102
41. FREUD, Sigmund. *Conferência Introdutórias À Psicanálise. Sergio Tellaroli.* 1. ed. Companhia de Letras: São Paulo, 2014. p. 102.
42. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra* [e-book]. Marco Antônio Casa Nova. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2011. p. 82.
43. CIORAN, Emil. *Do Inconveniente de Ter Nascido* [e-book]. Tradução própria a partir da versão de Esther Seligson. 1. ed. Titivillus: Pernambuco, 2016. p. 103.
44. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Luiz B.L. Orlandi. 1. ed. Editora 34 Ltda: Rio de Janeiro, 2010. P.49.
45. NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo* [e-book]. Artur Mourão. 2. ed. [s.l.]: Lusosofia, 1997. p. 71. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/nietzsche/1888/10/ecce_homo.pdf.
46. SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Lidar Com As Mulheres* [e-book]. Eurides Avance de Souza. 1. ed. São Paulo: MultiBrasil, 2004. p. 39
47. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2009. p. 3.